



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

REPÚBLICA DAS METÁFORAS

Marcos Roberto Inhauser

Na minha primeira aula de hebraico no seminário fui alertado pelo professor para a quantidade de metáforas e alegorias existentes no Antigo Testamento. Ele nos pedia uma razão para esta profusão e tentamos algumas. Ao final ele nos explicou que o hebraico bíblico era uma língua relativamente pobre de vocabulário e que, na inexistência de palavras para expressar coisas mais abstratas, os antigos escritores bíblicos e do período vétero-testamentário recorriam às analogias, alegorias e metáforas para expressar o que sentiam. Ele assim nos animava a estudar o hebraico, pois segundo sua ótica, estaríamos estudando um idioma que não exigiria aprender muitas palavras, visto que, segundo ele, se conhecêssemos mais ou menos um mil e duzentas palavras já estávamos preparados para ler bastante bem o Antigo Testamento.

A esta altura um estudante lhe perguntou por que o Novo Testamento, especialmente Jesus, utilizaram parábolas, uma vez que o grego era uma língua com maior vocabulário e, portanto, não exigindo destas figuras para poder expressar. Ele então explicou que as metáforas e parábolas eram também recursos didáticos e que Jesus as usou como recurso nos seus ensinamentos.

Esta passagem da minha vida me veio à memória nestes dias enquanto ouvia o presidente Lula em um de seus discursos. Chamou-me a atenção a quantidade de metáforas que ele tem usado desde que assumiu a presidência. “Pedalando bicicleta em apartamento”, “não se dá cavalo-de-pau em transatlântico”, “o meu filho demorou nove meses para nascer e mais de um ano para falar papai”, “o lavrador que planta um feijãozinho tem que esperar algum tempo para que a semente germine e dê fruto”, e tantas outras. A minha questão é se ele as tem usado por falta de vocabulário ou por recurso pedagógico. Ao analisar o conjunto de seus discursos, perceber-se-á que o seu vocabulário aumentou depois que deixou o sindicato e assumiu a política. Mas também se constata que ele não é versado nas regras de gramática e na construção das frases. Acho que nunca tivemos um presidente tão ruim de português como o atual. Ele tropeça na concordância verbal, gênero e número, vez ou outra também na conjugação verbal. Atrevo-me a dizer que o exagero no uso das metáforas se deve aos seus reduzidos recursos linguísticos.

Por outro lado, também o vejo usando as metáforas como recurso didático, especialmente como meio de chegar aos mais simples com sua mensagem. Neste sentido devo reconhecer que ele tem sido eficaz na comunicação. Tem conseguido comunicar-se e fazer-se entendido.

No entanto, como pregador e como alguém que tem escutado muitos sermões, devo dizer que a metáfora é arma muito usada nos sermões. E os pregadores têm a sensação de poder quando a usam, porque foram entendidos e não poucas vezes elogiados.

Uma boa metáfora dá ao que a usa a sensação de que resolveu o problema ao metaforizar. É uma sensação de que se dominou o problema porque a metáfora se aplica perfeitamente.

Tenho a sensação de que o mesmo está ocorrendo com o Lula. Ele me passa a sensação de que um bom discurso e uma metáfora perfeita resolvem o problema. Alguém precisa dizer a ele que a metáfora não resolve problemas, nem enche o estômago do faminto, nem cria dez milhões de empregos. É hora de deixar de fazer discursos e agir. Deixar a metáfora e partir para a realidade, que sempre é mais complexa que uma alegoria.